

BR. TBES. C. 570

6

PÁGINA 3



Ignácia de Freitas, Milton Neves e Ary Roas: três destaques no elenco

teatro / crítica

'Memórias de um Sargento... poderá ser vista ainda hoje no Carlos Gomes, em sessão única, às 21 horas

Um esforço concentrado, para um frágil resultado

Luiz Tadeu Teixeira

Com o propósito de dar à Companhia Dramática Capixaba um impulso decisivo (que todos esperam seja definitivo) para torná-la um conjunto estável, capaz de manter um repertório com textos relevantes do teatro capixaba, brasileiro e universal, a Divisão de Teatro do DEC, em boa hora, convidou Gilson Sarmento para dirigir **Memórias de um Sargento de Milícias**. Estreada na última sexta-feira, a montagem configurou-se como a segunda realização adulta da CDC, produzida quase dois anos após a primeira, o drama **Um Piano sobre Meu Coração**, do capixaba Alvarito Mendes Filho.

Ao escolher Gilson Sarmento para dirigi-la, homenageou-se um competente profissional que, restringindo-se nos últimos anos aos limites da Ufes, reintegrava-se ao movimento teatral do Estado num período em que a opção pelo profissionalismo não é mais um sonho distante da classe artística capixaba. Gilson, no começo dos anos 70, quando retornou dos Estados Unidos após concluir os estudos acadêmicos (bacharel em Teatro e doutor em Artes pela Universidade do Sul de Illinois), dirigiu o grupo do Teatro Carlos Gomes. A partir de 1975, quando deixou a antiga Fundação Cultural, praticamente isolou-se na Ufes, de onde saiu eventualmente para cursos e montagens de caráter didático incluídos na programação de semanas de arte promovidas em cidades do interior. Nesse tempo, poucas vezes arriscou-se em espetáculos que transcendiam o círculo universitário. Dentre eles **O Noviço**, de Martins Pena (apresentado numa das primeiras mostras de teatro da Ufes, em montagem elogiada pelo então crítico de teatro do **Jornal do Brasil**, Ian Michalski, e um Molière de primeira: **As Sabichonas**, montado em 1979 com um grupo de estudantes e remanescentes do antigo grupo do TCG.

Se a escolha de Gilson foi acertada, não se pode dizer o mesmo da peça. **Memórias de um Sargento de Milícias**, ainda que seja baseada num romance clássico da literatura brasileira, não apresenta elementos consideráveis que justifiquem interesse ao público de hoje. Manoel Antônio de Almeida não escreveu seu texto para o teatro. Quem o adaptou foi Francisco Pereira da Silva que, apesar de ser autor de um texto prestigiado (**Chapéu de Sebo**), não tem o *feeling* de um Ariano Suassuna. Talvez por isto a peça se transforme numa mera brincadeira inconsequente, com um mero aspecto curioso: a evocação do cotidiano da província do Rio de Janeiro nos anos que antecederam a independência do Brasil. Fora isto, rigorosamente, não há o que justifique a sua montagem e os consideráveis recursos empregados na tarefa.

Fica evidente que foram considerados muitos aspectos na escolha do texto,

entre eles as possibilidades de comunicação com o público do interior, habitualmente não familiarizado com o teatro. O motivo poderia ser relevante, mas, por si, não justificaria o esforço. É propósito da Companhia Dramática assumir o papel de "desbravador", isto é: apresentar-se em cidades do interior como forma de estimular o interesse pela prática teatral. No entanto, oferecer a este público um texto com essas características é minimizar, sobremodo, sua capacidade de absorver uma linguagem. Deve ser considerado também que as comunidades do interior, nos dias atuais, não estão tão isoladas do resto do mundo como em anos passados. E isto por sua própria opção. No Sul do Estado, por exemplo, muita gente prefere passar o final de semana no Rio de Janeiro, distante poucas horas de carro...

Há nesta montagem de **Memórias de um Sargento de Milícias** um acentuado esmero no seu acabamento. O rigor que Gilson Sarmento imprime às produções que participa como diretor, cenógrafo e figurinista já se tornou folclórico no teatro capixaba. Este rigor assumiu características que poderiam ser consideradas suas marcas. Gilson é um profissional seguro do que faz. O resultado pode, evidentemente, agradar a uns e a outros desagradar. Mas, inegavelmente, cuidado no acabamento é que não pode ser negado aos espetáculos que assina. O rigor, como sua marca mais visível, está expresso também no trabalho dos intérpretes. Gilson lhes imprime uma marcação rígida que parece inspirada nas comédias **boulevard**. Mas o gênero requer intérpretes com um irrepreensível sentido de *time*, que não é outra coisa senão um ritmo de precisão cronométrica. E isto, um ator não consegue da noite para o dia, nem é um dom dos deuses...

Infelizmente o teatro capixaba carece do que de mais elementar qualquer artista que pretenda avançar na profissão necessita. É o próprio exercício da arte de representar. Aqui, ensaia-se muito e apresenta-se pouco. Deste modo, nossos intérpretes ficam sem o seu principal interlocutor, o público. E é em sua função que uma comédia se arma.

Sem esta participação um espetáculo não se completa. Tratando-se de comédia ela se torna ainda mais indispensável. O espetáculo precisa fundamentalmente da reação da platéia para decolar. Como as temporadas de espetáculos capixabas são relâmpagos, instala-se um ciclo vicioso.

No elenco, alguns desempenhos a destacar: Milton Neves obteve ótimo rendimento de seu Leonardo, a comadre de Ignácia Freitas também funciona bem, apesar do tipo estar se tornando uma constante na sua carreira, Ary Roas esforça-se para dar credibilidade ao seu padrinho, mas não consegue eliminar uma tensão constrangedora, Alcione Dias e Eussa Gil assimilaram com segurança a linha que lhes foi dada.